

Olhares múltiplos: ateliê artístico e poético para/com professoras das infâncias - o encontro com a arte por meio das redes

Multiple gazes: artistic and poetic
studio for/with teachers of childhoods -
the encounter with art through networks

Miradas múltiples: taller artístico
y poético para/con profesoras de las
infancias - el encuentro con el arte
por medio de las redes

Simone Bibian¹

Luciana Esmeralda Ostetto²

1 Doutora e Mestra em Educação pela UFF, Pedagoga, Educadora do Museu Nacional de Belas Artes – RJ, escritora. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2540510460150865> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7883-6890> e-mail: simone.bibian@museus.gov.br

2 Doutora em Educação (Unicamp), Professora do PPG Educação/UFF, líder do Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte – FIAR. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7470127128501920> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> e-mail: lucianaostetto@id.uff.br

RESUMO

Este artigo, baseado em uma pesquisa de Doutorado em Educação, narra os processos de uma proposta de formação estética para/com professoras da Educação Infantil, realizada em meio à pandemia da covid-19. A proposta, denominada “Olhares Múltiplos: ateliê artístico e poético”, desenvolvida por meio das redes sociais, a qual utilizou um dispositivo de mídia digital (podcast), foi fundamentada na concepção de museu como espaço de conhecimento e formação, nas abordagens (auto)biográficas e de histórias de vida e nos estudos sobre mediação cultural e formação docente. A investigação, em um movimento de diálogo entre escola e museu de arte, partiu da escuta de professoras da Educação Infantil que reivindicavam oportunidades de formação estética. A pesquisa mostrou que tecer redes virtuais com docentes, em diálogo com obras de arte do acervo de um museu, pode ser um dos caminhos.

PALAVRAS-CHAVE

Formação Estética de Professores; Educação Museal; Educação e Novas Mídias; Pandemia-Covid-19.

ABSTRACT

This article, based on a Doctoral research in Education, narrates the processes of a proposal for aesthetic education for/with teachers of Early Childhood Education, carried out amid the COVID-19 pandemic. The proposal, named “Multiple gazes: artistic and poetic studio”, developed through social networks, which used a digital media device (podcast), was based on the conception of museum as a space of knowledge and training, in (auto)biographical and life story approaches and in studies on cultural mediation and teacher training. The investigation, in a movement of dialog between school and art museum, started from listening to Early Childhood Education teachers who claimed opportunities for aesthetic training. The research showed that weaving virtual networks with teachers, in dialog with works of art from the collection of a museum, can be one of the paths.

KEY-WORDS

Aesthetic Teacher Training; Museal Education; Education and New Media; COVID-19 Pandemic.

RESUMEN

Este artículo, basado en una investigación de Doctorado en Educación, narra los procesos de una propuesta de formación estética para/con profesoras de la Educación Infantil, realizada en medio de la pandemia de Covid-19. La propuesta, denominada "Miradas Múltiples: taller artístico y poético", desarrollada por medio de las redes sociales, la que utilizó un dispositivo de medios digitales (podcast), fue fundamentada en la concepción de museo como espacio de conocimiento y formación, en los enfoques (auto)biográficos y de las historias de vida y en los estudios sobre mediación cultural y formación docente. La investigación, en un movimiento de diálogo entre escuela y museo de arte, partió de la escucha de profesoras de Educación Infantil que reivindicaban oportunidades de formación estética. La investigación mostró que tejer redes virtuales con docentes, en diálogo con obras de arte del acervo de un museo, puede ser uno de los caminos.

PALABRAS-CLAVE

Formación Estética de Profesores; Educación Museal; Educación y Nuevos Medios; Pandemia Covid-19.

O museu de arte e a Educação Infantil: quando os dois mundos se encontram

Pelos corredores de um museu tradicional, é fácil percebermos a grande visitação do público escolar: por vezes, é o principal público, e, portanto, os setores educativos dos museus estão preparados para recebê-los com tranquilidade. No entanto, a visitação de crianças pequenas geralmente é bem menor, principalmente quando se trata de um museu de arte cujo principal acervo é de obras do século XIX. “Aqui é muito adulto para elas”, já ouvimos dizer as poucas professoras que se aventuravam a uma visita. Contudo, por que a arte do século XIX não poderia ser também “para as crianças”? A situação causa desassossego e pede para que seja melhor entendida: como acontece (ou não acontece) esse encontro?

Esses desassossegos motivaram uma primeira pesquisa (Bibian, 2017) que buscou ouvir meninas e meninos de 4 e 5 anos em uma visita livre a um museu de arte, cujo acervo principal é referente ao século XIX, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Que narrativas seriam provocadas no contato com a arte, em um espaço que não foi feito pensando na infância? O olhar voltou-se também para as professoras, principais interlocutoras dessa relação: o que pensam sobre os museus? Como se relacionam com obras que parecem sacralizadas? O principal dispositivo metodológico, desta feita, foi acompanhar, em uma visita livre ao acervo em exposição, em momentos distintos, crianças e professoras, e, depois, conversamos a respeito da experiência que tiveram. Com as professoras, além de conversar sobre que obras chamaram sua atenção, o que as motivou a escolher essa ou aquela obra, qual delas apresentariam às crianças, entre outros assuntos, também conversamos sobre os desafios de levar crianças ao museu.

Os achados da referida pesquisa apontaram que o encontro de crianças e professoras com obras de arte no museu podem, além de suscitar emoções, provocar memórias e experiências compartilháveis. O que elas falaram com a voz e com o corpo todo foi muito mais do que sobre pinturas, esculturas e o espaço museal: foi sobre dar sentido ao que são e ao que lhes acontece, em um tempo-espaço que permite aproximá-las da experiência coletiva, da cultura como patrimônio (Benjamin, 1987a).

A pesquisa apontou a necessidade de criarem-se novas formas de mediação para/com as crianças, que leve em conta seus modos próprios de ser e estar no mundo. Também evidenciou a urgência de propostas de formação para docentes da Educação Infantil que, de maneira renovada, acolham a dimensão estética, como canal experiencial que potencializa a construção de práticas pedagógicas, no diálogo com a arte e a cultura, de forma a abrir caminhos dentro da escola para o acesso aos bens culturais.

Desde esses achados, a investigação ampliou-se no projeto de doutoramento, desta vez tendo como foco somente as professoras que atuam na Educação infantil. Afinal, como profissionais do campo teórico-prático das infâncias, elas reconhecem a forma singular que a criança tem de se relacionar consigo e com o mundo, e carregam concepções nem sempre presentes nos profissionais dos museus. Carvalho (2016)

mostra que os espaços museais não estão ainda preparados para receber o público infantil: “mãozinhas para trás”, “quando eu estiver falando, vocês me escutem” eram falas comuns dos educadores, captadas na pesquisa da autora. Também a pesquisa de Gabre (2021) discute a visão, ainda persistente nos museus, da infância como incompetente, submissa, passiva e incapaz; uma visão que não condiz à visão da criança contemporânea, expressa, inclusive, no âmbito da legislação, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2009). Destacamos do Parecer nº 20, de 11 de novembro de 2009, que revisou as DCNEI:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p. 18).

A considerar que a concepção de uma criança capaz, ativa, competente, que se expressa e se apropria da cultura, ao tempo em que produz cultura, é fundamento básico para a ação docente com as infâncias, fica evidente que os saberes docentes precisam entrar nos museus. Desse modo, a pesquisa a que estamos nos referindo (BIBIAN, 2022) considerou a importância das docentes como interlocutoras para discutir o acolhimento adequado de crianças e, assim, criou um espaço de pesquisa-formação em diálogo. A investigação, dentre seus objetivos amplos, procurou contribuir para uma mudança nas estratégias de aproximação museu-escola, priorizando a escuta das docentes da primeira etapa da Educação Básica. Concebendo o espaço museal como território de pesquisa, de formação, de descoberta, aberto a múltiplas interpretações, os movimentos de investigação também envolviam repensar seu papel frente a uma sociedade diversa e plural, apostando nas potencialidades das professoras, seus saberes e fazeres.

A primeira parte da investigação consistiu em ouvir nove professoras da Educação Infantil que aceitaram participar da pesquisa, todas da rede pública de Niterói, estado do Rio de Janeiro (RJ), plenas de experiência, “[...] com capacidade para refletir sobre si, e que tem muito mais para nos contar sobre a escola do que a produção científica sobre o tema” (Passeggi, 2016, p. 68). A metodologia da pesquisa buscou apoio em Walter Benjamin (1987a, 1987b) e inspiração nas abordagens (auto)biográficas e de histórias de vida e formação (Bragança, 2008, 2012; Delory-Momberger, 2016; Josso, 1999; Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015; Passeggi, 2011). Desse modo, as docentes deixam de ser objetos para se tornarem sujeitos que investigam sua trajetória e constroem conhecimento em colaboração com as pesquisadoras, na e pela narrativa.

Foram planejadas conversas *online* individuais, construídas como espaço de encontro, escuta e acolhida de narrativas, como espaço-tempo de produção de dados da pesquisa. *Online*, pois estávamos em plena pandemia da covid-19, em isolamento, cada qual em suas casas, distante do convívio social em presença. As experiências estéticas, seus percursos formativos e profissionais, seu dia a dia na

escola, como trabalhavam arte com as crianças, foram alguns dos assuntos abordados, em conversas que duraram por vezes mais de uma hora.

Um tema recorrente nas conversas foi a necessidade que sentiam de aumentar o repertório cultural, de ter algum tipo de formação em arte e/ou apoio do museu.

Como que ele [o professor] vai trabalhar, estimular as crianças, para desenvolver o gosto pela arte, se ele mesmo não tem isso desenvolvido? (Andrea)³.

Uma das coisas que eu acho fundamental: acolher os adultos primeiro. Acolher os professores e ajudar a orientar, fazer formação. Essa parte educacional, para os professores, acho que é fundamental. Porque quando a gente tem acesso a isso, eu acho que facilita também o nosso trabalho, quando a gente vai levar as crianças [ao museu] (Eliete).

As narrativas também apontaram a dificuldade de acesso (e até impedimentos de deslocamento) e a ausência de políticas públicas que contemplem a formação, como dizem as professoras nestes excertos:

Durante a semana, eu acho que é bastante complicado, porque é difícil a gente sair da escola, sobretudo quando a gente trabalha na educação infantil, integral. Porque nós somos duas professoras na sala: para uma sair, a minha colega não pode ficar sozinha, porque são crianças muito pequenas. (Eliete).

Ano passado, lá na Fundação [Municipal de Educação de Niterói], teve um curso e foi uma pessoa falar de museologia. Só sei que a gente não tinha acesso, não podia ir porque a gente estava na escola, mas são formações, o acesso à arte, o professor não tem o tempo de estar desenvolvendo essa apreciação (Andrea).

As demandas das professoras, além de evidenciarem queixas legítimas, convocavam à ação: elaborar uma proposta de formação, pelas vias da dimensão estético-cultural, para/com elas. No entanto, que formação seria essa? Certas de que informações sobre o artista, a obra, a técnica, poderiam ampliar a visão sobre a obra, mas não garantiriam a fruição, era preciso ampliar as possibilidades desse encontro. De que modo o olhar pode provocar estranheza, inquietação, surpresa, capaz de gerar novos sentidos ao que somos? Além disso, havia também alguns desafios: ainda estávamos em tempos de covid-19, com fases de ora maior, ora menor disponibilidade de contato, de acordo com as curvas de contágio e de mortos. O Museu Nacional de Belas Artes estava fechado ao público para obras de requalificação do espaço e não abriria tão cedo, e ainda havia a dificuldade de as professoras saírem da escola para realizarem uma formação (questão observada desde antes da pandemia).

Mais do que informação, era preciso provocar encantamento, para que docentes da infância pudessem reconhecer e dialogar com as múltiplas linguagens das crianças.

³ Note-se que as professoras autorizaram que seus primeiros nomes fossem revelados, pois a pesquisa privilegiou a voz docente e foi inspirada em abordagens narrativas e autobiográficas, em que as histórias e memórias são uma afirmação de existência, autoral, única e singular, e não simplesmente um dado anônimo de pesquisa.

Quanto aos encontros, a saída foi o mundo virtual, a partir de experiências no âmbito pessoal, realizadas online, durante aqueles tempos pandêmicos, tanto ao vivo como gravados, quando assistimos a lives, participamos de cursos e palestras, ouvimos episódios de podcast. Entretanto, agora, a experiência tinha de ir para o outro lado: produzir a formação.

Construindo uma formação estética que faça sentido

Durante algum tempo, ficamos pensando como criar uma formação que afetasse as professoras, mesmo que de forma virtual. Em um *insight*, veio a ideia: gravar episódios de *podcast* sobre algumas obras do acervo do museu. Depois, a ideia foi refinada: o *podcast* como proposta para falar de arte de forma artística, levar a ouvinte até aquela obra, contar sua história, entrelaçando com músicas, poesias, contos, notícias de jornal da época, falas das próprias professoras sobre a cena em destaque, criando uma paisagem sonora. Não era dizer “como se deve interpretar” a obra e nem sugerir como “trabalhar” a obra com a criança, mas, sim, evidenciar que há múltiplas camadas de significados, muitas formas de vê-la. O objetivo era ampliar o repertório artístico-cultural das professoras, abrir caminhos para uma relação afetiva com as obras selecionadas, despertar o desejo de buscar mais, de criar seus próprios percursos e seleções, além de fazer conexões com ideias, sentimentos e lembranças.

Ao criar os episódios, a primeira questão: quais obras escolher e como elas fariam sentido para as professoras? Na primeira etapa da pesquisa, conforme já sinalizado, efetivada por meio de conversa *online* com cada professora, foram selecionados 20 itens do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, entre pinturas e esculturas do século XIX, para compartilhar com as participantes, de modo a compor enredos da conversa, suscitados pelo olhar sobre eles. As quatro obras mais comentadas por elas, que por algum motivo haviam chamado sua atenção, foram as selecionadas para a produção de quatro episódios de *podcast*. É possível ouvir os episódios por meio deste *link*: <https://vimeo.com/761970265> (senha: museu).

Para continuar o diálogo, agora sobre a obra em foco nos episódios, foi criado um grupo fechado com as professoras, no *Facebook*, como um espaço acolhedor, para falar sobre os afetos despertados, compartilhar experiências, suscitar narrativas. A dinâmica compreendeu: postar as imagens das obras e suas referências, conforme eram disponibilizados os episódios; fomentar discussões, troca de saberes e reflexões; mediar de modo ativo, flexível, propositor, atento ao outro. A mediação, nesse contexto virtual, foi “[...] um ‘estar entre’ que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe, mas em meio a um complexo de pensamentos, sensações, histórias reatualizadas” (Martins; Picosque, 2012, p. 47). Um processo que poderia ainda ir além: as docentes, com a oportunidade de se apropriar daquelas obras, poderiam viver experiências estéticas: seria possível criar significados novos, inesperados, inventados, encantados,

imprevisíveis, através da experiência múltipla – de contemplação, criação, reflexão, narração da vida vivida e compartilhamento de memórias.

Assim, o grupo fechado foi tomando a forma de um ateliê artístico e poético – que recebeu a denominação “Olhares Múltiplos” –, como um espaço para ouvir e interagir com os episódios do podcast, e também espaço de experimentação, encontro, escuta, rememoração, por meio de discussões, narrativas e fazeres artísticos das docentes. Foi planejado para ter a duração de seis semanas, com o seguinte roteiro: 1) acolhimento e uma proposta de interação; 2) postar os episódios do podcast uma vez por semana; 3) após cada episódio disponível, provocar reflexões nos comentários; 4) dois dias depois, postar uma proposta artística inspirada na obra em questão – que foi chamada de “assombro poético”; 5) ao longo da semana, as docentes poderiam postar e comentar sua criação. Permeando essas propostas, as referências do episódio em questão também eram disponibilizadas (por exemplo, o *link* para as músicas utilizadas nas narrativas), e alguns trechos dos livros de Anna Marie Holm (2005, 2007) – *Fazer e pensar arte e Baby-art – os primeiros passos com a arte* –, de Manoel de Barros (2015) – *Meu quintal é maior que o mundo* –, e o texto *A complicada arte de ver*, de Rubem Alves (2004), para reflexão. Assim, foi sonhada e projetada a manutenção da conexão por todo o período do ateliê. Para a última semana, estava planejado um grande encontro *online* síncrono para conversarmos sobre a experiência.

E o ateliê acontece – fruição, memória e criação tecida na/em rede

Como uma forma mais calorosa de acolhimento, a pesquisadora que conduziu o ateliê gravou e postou um vídeo de boas-vindas. A seguir, na dinâmica própria do *Facebook*, as professoras foram convidadas para que se apresentassem na forma de dez palavras, a fim de formarmos o sentimento de que éramos um grupo.

Brincadeiras, bicicleta, família, chuva, professora, mar, sonhos, desenho, gibis, ciranda. As palavras evocadas eram plenas de significados da vida vivida, como duas professoras comentaram: “cada palavrinha dessa, é carregada de uma quantidade de histórias” (Eliete); “eu dei um mergulho totalmente na minha infância. Tudo... das minhas palavras, todas estão marcadas lá na minha infância” (Maria Aparecida). Nas narrativas docentes, as experiências vividas na infância são consideradas muito importantes, fazem parte da sua formação como pessoa e as ajudam a explicar quem são hoje.

Dois dias depois, o primeiro episódio do podcast foi postado: “O herói que incomodou”. Trata-se de um retrato de um marinheiro negro (*Retrato do Intrépido Marinheiro Simão, carvoeiro do Vapor Pernambucana, 1853, de José Correia de Lima*), que salvou várias pessoas de um naufrágio. A imagem da pintura também foi postada, com uma pergunta sobre suas impressões e lembranças. Disseram as docentes:

Agora que eu conheço o Simão, quando eu passar por ele, vou falar: eu conheço essa obra, eu fui afetada por ela. Então, já é diferente meu olhar (Patrícia).

Jamais imaginaria que por trás dessa obra haveria tamanho ato de heroísmo. De fato, a atitude de Simão nos faz refletir sobre a integridade da pessoa humana, que não vê raça, cor, procedência religiosa, ou qualquer outro rótulo para realizar um ato de amor ao próximo (Eliete).

Na sequência prevista, dois dias depois de postado o primeiro episódio, a segunda proposta de criação no ateliê foi partilhada: um mergulho mais profundo em si mesma. O convite foi: produzir seu autorretrato com objetos que dizem quem você é. Outras obras de arte, de épocas diferentes, foram postadas também, para inspiração e alargamento do repertório artístico. As professoras foram convidadas para que compartilhassem suas criações.

Aqui também essa conexão com a infância aparece, como conta a professora Mônica: “Eu peguei as coisas que marcam muito a minha infância e até agora, a minha fase adulta [...]. Eu não lembro muita coisa da minha infância, então é um resgate”. Diz a professora Eliete: “Eu preciso conhecer a minha história de vida, para que eu possa compreender, entender a história de vida daquela criança e proporcionar a ela memórias que sejam positivas, que possam ajudá-las a crescer”.

A seguir, as Figuras 1 e 2 apresentam autorretratos criados pelas professoras, com seus comentários, que foram trabalhados digitalmente. Note-se que refletem sobre o processo do fazer, pensar sobre o que eram, onde estão e para onde querem caminhar.



Fig. 1. *Autorretrato da Gilda, 2022, técnica digital.* Fonte: Acervo pessoal.

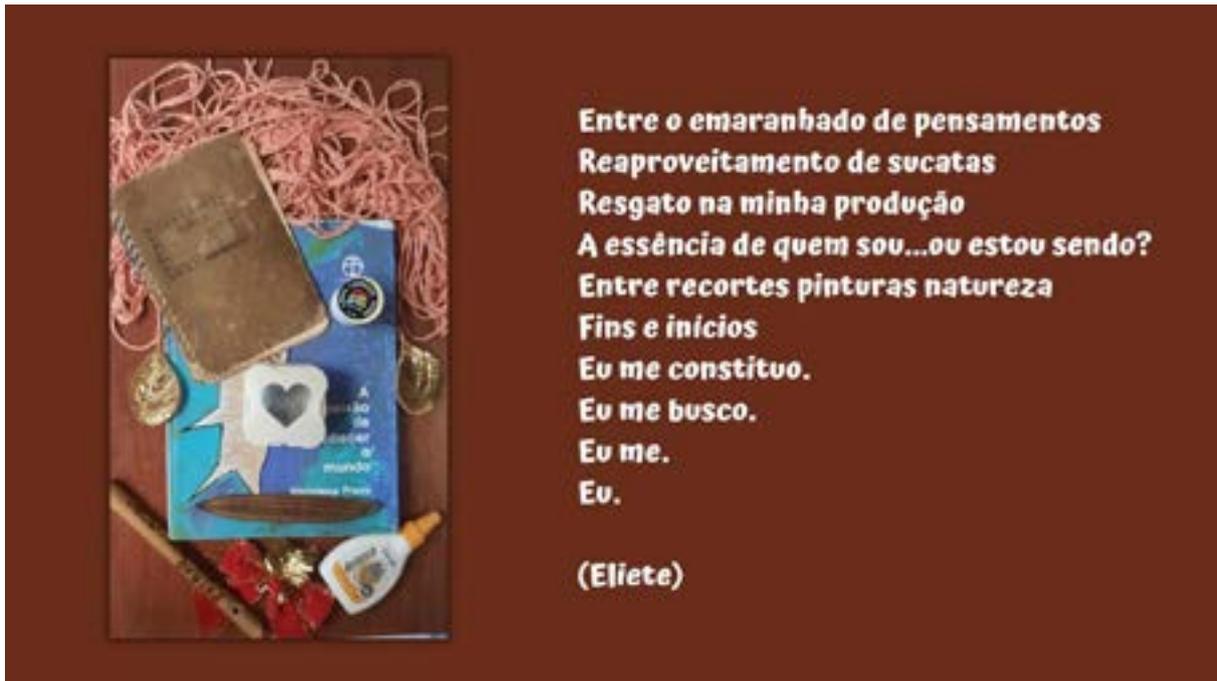


Fig. 2. Autorretrato da Eliete, 2022, técnica digital. Fonte: Acervo pessoal.

O segundo episódio, chamado “O olhar da donzela”, se refere a uma pintura retratando Joana d’Arc (*Joana d’Arc*, 1883, de Pedro Américo). As docentes se envolveram na história, como se pode ler em uma das narrativas, que foi postada nos comentários no grupo no *Facebook*.

Ao ouvir a narração me vi ao lado dela em cada momento...ouvindo sua voz convidando e inspirando para guerrear. Pude sentir a emoção de vê-la sendo queimada. Ela foi fiel ao seu chamado...até o fim. Seu olhar me atíça e pergunta: o que falta para entrar na luta por seus ideais e superar essa dificuldade de finalizar o que começou? Levanta!!! Você não está sozinha... nunca estará sozinha (Eliete).

Inspiradas pelas duas histórias, tratando de personagens reais que enfrentaram grandes mudanças em suas vidas, as docentes aceitaram o terceiro convite: documentar os efeitos da pandemia em sua vida e em sua casa. As professoras puderam tecer narrativas visuais e textuais, resignificando o vivido na pandemia, muitas vezes doloroso. Revelaram mudanças acontecidas intimamente: “Eu acho que eu passei um pouco mais de tempo tentando organizar a minha vida interior” (Eliete). Puderam se reconhecer como protagonistas de uma história coletiva e, ao mesmo tempo, muito particular:

Eu vejo como ganhos, sabe? Foram consequências, mas a gente tem que pensar... eu, pelo menos, penso pelo lado positivo. As interações que eu tive com as crianças. As interações remotas que eu tive para trabalho, para lazer, enfim. Estão fazendo parte ainda desse momento, mas acredito que ainda vão durar por um tempo nas nossas vidas (Patrícia).

Como no meu caminho eu vejo mais flores, vejo mais pé de pitanga, eu agora até colho do vizinho, que é na calçada, eu vou lá e colho a pitanga sim. Então eu estou vendo muito mais flores do que eu via antes (Mônica).

Assim, atribuíram novos sentidos ao vivido, vinculando-o ao presente, (re)afirmando o que querem para o futuro, revendo projetos, traçando novos objetivos, reconhecendo os saberes que emergiram da memória. Essa é uma potencialidade das abordagens (auto)biográficas como pesquisa-formação, como afirmam pesquisadoras que se dedicam ao tema. Em suas palavras:

Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser: ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. Caminhos a percorrer podem ser evidenciados no processo. Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015, P. 164).

A reflexividade experimentada no fazer também foi evidenciada nas criações das docentes, referentes aos efeitos da pandemia em sua vida e em sua casa, como se pode ver nas duas produções das Figuras 3 e 4 a seguir.



Fig. 3. Documentação da pandemia da Eliete, 2022, técnica digital. Fonte: Acervo pessoal.



Fig. 4. Documentação da pandemia da Mônica, 2022. técnica digital. Fonte: Acervo pessoal.

O terceiro episódio – “Ouve só o que tenho para contar” – entrelaça um retrato de uma serviçal sentada e sorrindo (*A Tagarela*, 1893, de Belmiro de Almeida), com trechos do livro *O cortiço*, de 1890, escrito por Aluísio Azevedo. Ao ouvi-lo, a professora Eliete comentou: “consegui visualizar cada cena... cada olhar... cada ação narrada! De fato, sentei-me para conversar com a Tagarela!”

A proposta foi convocar o ser poético e brincante das professoras: fazer um meme ou fotocolagem utilizando uma das 20 obras do acervo que havia sido disponibilizado para elas na primeira conversa. Foi possível ver como se divertiram, tirando a sacralidade que rondam as obras do século XIX. Alguns dos seus comentários: “Não sou boa em piadas, mas estou amando a brincadeira! Os artistas que me perdoem!!!” (Andrea); “Eu acho o máximo! Eu acho superdivertido. Eu acho que isso também é uma forma de aproximar as pessoas da obra” (Eliete). As Figuras 5 e 6 trazem exemplos dessa proposta.

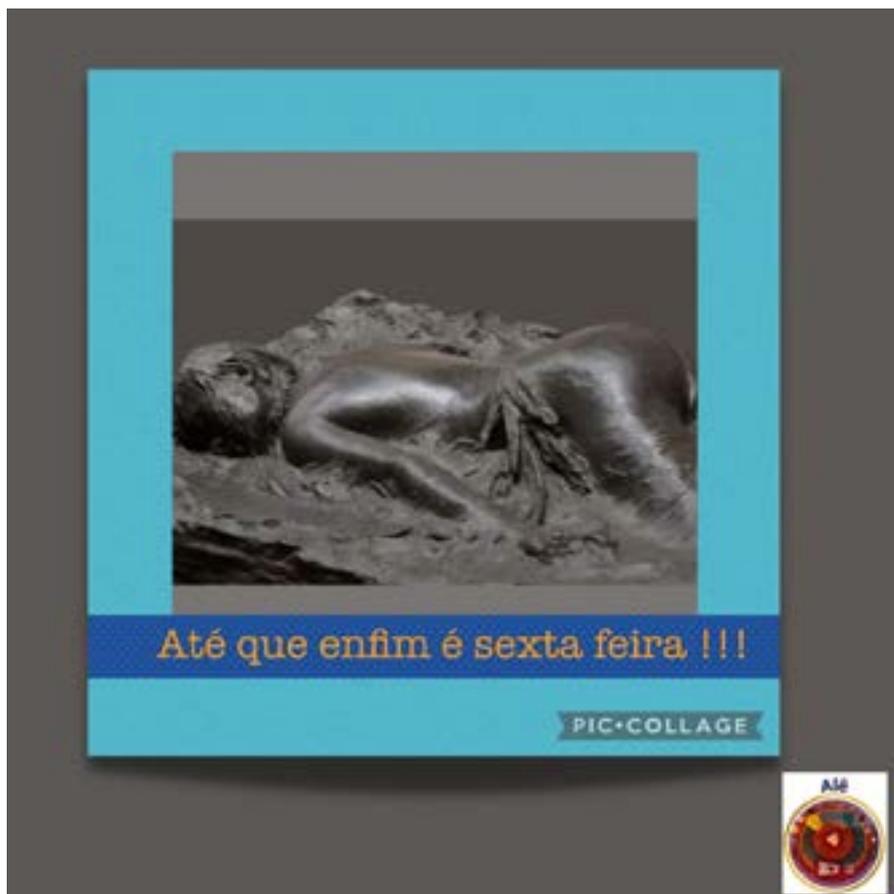


Fig. 5. *Meme da Alê*, 2022, técnica digital. Fonte: Acervo pessoal.



Fig. 6. *Meme da Andrea*, 2022, técnica digital. Fonte: Acervo pessoal.

O quarto episódio – “A paisagem que habita em nós” –, a respeito de uma paisagem (*Vista do Morro do Cavalão, 1884, de Georg Grimm*), teve como proposta a (re)criação de um lugar. Como protagonistas de uma história contada pelas professoras, elas puderam experimentar outras linguagens expressivas, usar diferentes materialidades, aventurando-se na (re)afirmação e na (re)significação do que se é: “Esse é o meu lugar” (Bárbara); na criação: “Já pensou um arco-íris aqui?” (Patrícia) (Figura 7).



Fig. 7. *Paisagem que habita em Patrícia, 2022, técnica digital.* Fonte: Acervo pessoal.

E continuam: “Que lugar é esse que me aventuro aos poucos para explorar?” (Eliete); da memória emergida e valorizada: “Vocês vejam que toda vez que eu falo, eu povoo com minha mãe. Eu moro muito longe, eu estou aqui no Rio e ela está lá em Alagoas” (Mônica) (Figura 8).



Fig. 8. *Paisagem que habita na Mônica, 2022, técnica digital.* Fonte: Acervo pessoal.

Na última semana, foi feita uma reunião *online* com as participantes do ateliê, a fim de compartilharmos as experiências vividas. Esse encontro foi muito rico, pois as docentes puderam rever o percurso no ateliê e compartilhar seu processo de criação, dividir angústias, rir, acolher as narrativas umas das outras, ressignificar memórias, dar sugestões, reconhecer seus saberes, imaginar novos futuros. Mais uma vez, as narrativas docentes corroboram sentidos e propostas da pesquisa-formação sustentadas nas abordagens (auto)biográficas, tal como dizem Ostetto e Kolb-Bernardes (2015): no exercício da memória, durante e ao final do ateliê, as histórias de vida foram revisitadas, abrindo oportunidades para serem ressignificadas. Nas palavras das autoras referidas:

Refletir sobre os processos de formação, parar para pensar nas experiências vividas, permite um movimento singular de investigação sobre os percursos pessoais; investigação de poder iluminar saberes e fazeres que constituem a pessoa e, assim, ajudar a dar visibilidade aos fios de histórias particulares que se entrelaçam em trajetórias reveladas no presente. Por meio do exercício da memória, a história é revisitada pelo olhar que mira o passado nas marcas do presente, oferecendo elementos para a compreensão do percurso e, dessa forma, para o desenho de novas tramas (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015, p. 164-165).

Reverberações do ateliê: encantamento e afetos despertados na/em rede

O rico material produzido nos encontros com as docentes (as entrevistas/conversas, as reflexões no ateliê, as produções artísticas e a conversa final) leva-nos a pensar sobre a potencialidade do uso das novas tecnologias como dispositivos que podem sustentar propostas de formação que articulam educação e arte. Foi possível percebermos como a formação estética proposta se entrelaçou com narrativas autobiográficas e como o contato com a arte reverberou nas docentes, abrindo novas possibilidades de diálogo museu-escola, ainda que (e talvez, sobretudo) em períodos de exceção, como os impostos pela pandemia.

A proposta de formação estética para professoras de Educação Infantil, por meio de dispositivos tecnológicos, buscou alargar os olhares e envolver as professoras em uma aventura que trouxesse surpresa, curiosidade e emoção, ao mesmo tempo em que instigasse a ampliação de repertórios. Pelo que disseram as docentes, ouvir os episódios de podcast tocou a cada uma sensivelmente: A gente se sentia lá dentro. Foi muito, muito interessante essa experiência do podcast (Patrícia).

Encantamento me define após essa belíssima narrativa! Que obra! Que história! Gostinho de quero mais! (Andrea).

Ouvindo a sua narrativa, eu parecia que estava vendo aquelas novelas antigas. Não deixa de ser. Acho que é uma roupagem nova. E a gente se sentia dentro da obra. Aquela narrativa do Simão, eu me sentia dentro do navio com ele. Incrível (Eliete).

Depois, o desejo de dizer de si, compartilhar as impressões, as lembranças, as criações, puderam propiciar um encontro afetivo, mesmo em rede, prevenindo o perigo anunciado por Walter Benjamin (1987a): a privação da nossa faculdade de intercambiar experiências, refletida no embaraço generalizado quando se pede em um grupo que alguém narre alguma coisa. Após a experiência vivida no ateliê “Olhares Múltiplos”, as docentes, que se fizeram narradoras, contam:

Foi de um crescimento incrível para mim. Aquele olhar de passagem nos museus não será mais o mesmo. E como me ajudou a mudar o meu olhar, vai fazer com que eu mexa no jeito deles [as crianças] olharem. A imagem não vai ser mais puramente só o Simão ali na frente. Vai ter a segunda parte, a terceira. O que está por trás, então ajudou bastante, a gente agora sai do ateliê de outro jeito. Eu, embora não tenha vivido perto de museus, minha amizade com museu é recente, mas hoje vai ser diferente quando puder levá-los. Foi um presente (Mônica).

Você trouxe isso de uma maneira muito sensível, não só com palavras, mas com música, com cinema, sabe? Com outras obras. Então, isso enriqueceu demais o nosso repertório. [...]. E como que tudo depende da forma que a gente é aguçada. Meus sentidos todos ficaram aguçados com tudo que você trouxe para a gente, com esse pacote aí. Não só da obra em si, mas do entorno (Eliete).

Eu tenho o mesmo pensamento. Apesar de a gente ter, às vezes, umas quedas de internet ou a questão de horário. Mas eu, vendo, nossa, encanta. Tenho que agradecer imensamente por ter participado desse projeto tão bonito. [...]. Nosso olhar em relação à arte, o meu olhar, passou a ser diferenciado. Há uma sensibilidade maior (Maria Aparecida).

A experiência trouxe contribuições importantes para essas professoras. É preciso lembrarmos que a criança tem acesso à produção cultural por meio da mediação do adulto, quase exclusivamente do professor. Assim, é fundamental que a formação cultural docente também contemple as várias linguagens (dança, literatura, teatro, cinema, artes visuais etc.), com a rica diversidade do conhecimento acumulado pela humanidade, no intuito de ampliar seu repertório e sua forma de ver e ver-se no mundo e permitir, dessa forma, oferecer experiências estéticas significativas às crianças. A pesquisa mostrou que tecer redes virtuais com docentes, em diálogo com obras de arte do acervo de um museu, pode ser um dos caminhos.

Referências

BIBIAN, Simone. **Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX**. Orientadora: Luciana Esmeralda Ostetto. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

BIBIAN, Simone. **Professoras das infâncias e museus de arte: tecendo encontros, entrelaçando saberes na rede**. 2022. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

ALVES, Rubem. **A complicada arte de ver**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 18 out. 2023.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987a. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987b. (Obras escolhidas, v. 2).

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p. 65-88.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. E-book. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f6qxr/pdf/braganca-9788575114698.pdf>. Acesso em: 17 out. 2023.

BRASIL. Parecer nº 20, de 11 de novembro de 2009. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, [2009]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 17 out. 2023.

CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas: Papyrus, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147>.

GABRE, Solange. **Habitar o museu com a criança pequena: formação colaborativa como possibilidade**. Curitiba: Appris, 2021.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: MAM, 2005.

HOLM, Anna Marie. **Baby-art – os primeiros passos com a arte**. São Paulo: MAM-SP, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000200002>.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v. 26, n. 1(76), p. 161-178, abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507611>.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 17 out. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.9267>.

Submissão: 26/10/2023

Aprovação: 11/11/2023